

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DO HPV E ESTRATÉGIAS PARA ABORDAGEM

Autor: Fabiana de Paula Abreu

Orientadora: Cinthia Mara de Oliveira Lobato Schuengue

Curso: Enfermagem Período: 10º Área de Pesquisa: Saúde da Mulher

Resumo: O papiloma vírus humano, conhecido como HPV, é uma das infecções sexualmente transmissíveis e está presente no mundo todo, além de ser considerado o fator de risco predominante para desenvolvimento de Lesões Intraepiteliais de Alto Grau, levando ao câncer de colo uterino. A prevenção utilizando atividades educativas que foquem os riscos inerentes a uma relação sexual desprotegida, adoção de um novo comportamento e o uso do preservativo, são estratégias básicas para o controle da transmissão do HPV. O tema proposto foi escolhido pelo fato de o bem-estar da saúde pública estar intimamente ligada aos profissionais enfermeiros, e por enquadrar no desafio de ações em educação em saúde que permitam incentivar os jovens a reflexão crítica de sua realidade. O objetivo deste trabalho é descrever a Assistência de Enfermagem quanto à prevenção do HPV, e as estratégias utilizadas no momento da abordagem ao paciente. Foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, usado método de pesquisa, entrevista e complementada com revisão bibliográfica. Identificamos no resultado que os profissionais seguem o protocolo de prevenção quanto ao HPV, porém é visto que campanhas publicitárias são pouco usadas. Pode ser concluído que exista a necessidade de uma maior atenção estatal para divulgação de campanhas publicitárias para alertar a população e, em especial, os adolescentes sobre a importância da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Palavras- chave: Assistência de Enfermagem; HPV; Papanicolau.

1. INTRODUÇÃO

Cerca de um milhão de pessoas são acometidos todos os dias por infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) de acordo com os dados da Organização mundial de Saúde (OMS). Essas infecções podem levar transtornos à vida e pode comprometer subitamente a saúde do paciente. Elas podem causar infertilidade, doenças agudas, incapacidade de longa duração e morte, tanto em homens e mulheres, quanto em crianças. (BRASIL, 2011).

O papiloma vírus humano, conhecido como HPV, é uma das IST's e está presente no mundo todo, além de ser considerado o fator de risco predominante para desenvolvimento de Lesões Intraepiteliais de Alto Grau (LIEAG), levando ao câncer de colo uterino.

No Brasil existem mais de quinhentas mil pessoas infectadas e foram encontradas variações deste vírus, e a sua evolução quando apresentada ao sistema imunológico do paciente podem levar a formação de lesões pré-neoplásicas, dependendo do tipo de HPV adquirido. (QUEIROZ; PESSOA; SOUSA, 2005).

O HPV pode acometer homens e mulheres, porém é mais comum na mulher e geralmente é transitória. O vírus de DNA primeiramente entra no epitélio podendo levar a lesões benignas ou malignas na pele ou na mucosa. Eles podem ser considerados de alto risco, responsáveis pela progressão das lesões precursoras até o câncer cervical. Uma pequena parte das mulheres evolui para câncer cervical devido ao fator ambiental vivido por ela, e da existência do fator genético carcinogênico (SANTOS, 2018).

É competência do enfermeiro responsável pela unidade realizar consultas de enfermagem e no momento da consulta, o profissional detecta o diagnóstico preciso do paciente e realiza um planejamento de cuidados necessário para cada caso. Ele retira dúvidas, orienta sobre atitudes seguras com o intuito de diminuir os riscos de contaminação e promove hábitos de vida saudáveis para a saúde da mulher. (MANGANE, 2018).

Na maioria das vezes as pessoas descobrem o prazer sexual ainda na adolescência, e nesse momento por ser marcado de vulnerabilidade, conflitos com âmbito social, psicológico e físico, tem-se a necessidade de criar ações de educação em saúde para orientar esses adolescentes sobre os riscos de contaminação por HPV. A prevenção utilizando atividades educativas que foquem os riscos inerentes a uma relação sexual desprotegida, adoção de um novo comportamento e o uso do preservativo, são estratégias básicas para o controle da transmissão do HPV (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Em nossa sociedade atualmente, vivenciamos o início prematuro da atividade sexual, o que faz com que aumente o número de pessoas infectadas, além de gravidez indesejada principalmente quando está relacionada à maternidade precoce. É necessário criar estratégias de comunicação para se aproximar dos jovens de hoje, e para que possam vencer os tabus que estão inseridos na sociedade relacionados com o sexo, para então tentar diminuir o número de jovens em estado de vulnerabilidade diante do HPV, e outras infecções sexualmente transmissíveis (ROUQUEIROL, 2003).

O tema proposto foi escolhido pelo fato de o bem-estar da saúde pública estar intimamente ligada aos profissionais enfermeiros, e por enquadrar no desafio de ações em educação em saúde que permitam incentivar os jovens a reflexão crítica

de sua realidade. O objetivo deste trabalho é descrever a Assistência de Enfermagem quanto à prevenção do HPV, e as estratégias utilizadas no momento da abordagem ao paciente.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

2.1.1 Papilomavírus Humano

O papilomavírus humano (HPV) é um vírus da família Papillomaviridae, ele infecta pele ou mucosa, podendo acometer a via oral, genital ou trato ano-genital. Atualmente são mais de 200 tipos diferentes de HPV, sendo eles classificados pelo risco oncogênico. Cerca de 40 tipos atingem o trato genital feminino (INCA, 2010).

Eles podem causar tipos de lesões como verruga comum e a verruga genital ou condiloma. Essas lesões têm caráter de crescimento limitado e podem regredir espontaneamente. É um tipo de vírus envelopado e com ácido nucléico constituído de DNA de dupla fita, circular. O diâmetro do capsídeo é de 55nm. Seu DNA possui 7900 pares de bases e seu peso molecular é de $5,2 \times 10^6$ daltons (SM, 2002).

A infecção ocorre principalmente do contato sexual sem proteção, que permite, por meio de microabrasões, a penetração do vírus na camada profunda do tecido epitelial. Pode acometer pelo contato direto ou indireto com as lesões em outras partes do corpo. A transmissão vertical pode acontecer durante a gestação ou no momento do parto. O diagnóstico clínico é percebido pela presença de lesões únicas ou múltiplas, granulares e verrugosas. Na maioria dos casos a lesão é assintomática. Em outros casos, quando sintomática, podem ser encontrados prurido, hiperemia variável e descamação local (ABREU, MERY NATALI SILVA *et al*, 2018).

O câncer de colo uterino está presente na faixa etária entre 25 a 60 anos de idade, porém na adolescência por estarem ansiosos por explorar a vida sexual existe uma vulnerabilidade para este agravo, e devido também ao seu início precoce (SILVA, 2010).

Mulheres jovens, início precoce de relação sexual, tabagismo, múltiplos parceiros sexuais e imunossupressão, são exemplos de fatores de risco para infecção pelo HPV. A forma de rastrear o câncer cervical e de suas lesões precursoras é o procedimento chamado papanicolau, como teste primário. (NOMELINI, 2012).

A colpocitologia oncótica ou Papanicolau nada mais é que um procedimento manual que pode ser realizado tanto por enfermeiros como médicos, tem como objetivo identificar células sugestivas de pré-invasão até lesões malignas, para isso usa-se a coloração multicrômica de lâminas contendo células cervicais esfoliadas. O exame deve ser oferecido para mulheres entre 25 e 65 anos ou em casos onde a mulher começou sua vida sexual ativa antes dessa faixa etária. O exame deve ser feito anualmente e depois de dois exames anuais negativos, o período para refazer passa a ser de três em três anos (BRENNAN SMF *et al*, 2002).

O exame de prevenção de câncer ginecológico é um planejamento para reduzir altos índices de mortalidade por câncer de colo uterino, vagina e vulva causados pelo HPV. Este planejamento deve ser priorizado pelas políticas de Saúde Pública nos serviços de referência em atenção primária do país. (QUEIROZ; *et al*, 2005).

Segundo o Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), de 2006, os subtipos de HPV's são classificados como de baixo risco e alto risco oncogênico, de acordo com a propensão das células infectadas a transformação neoplásica. Os que são considerados de baixo risco são do tipo 6, 11, 42, 43, 54, 61, 70, 72, 81, geralmente 90% ocasiona verrugas genitais. Os de alto risco oncogênico, por estarem frequentemente associados às Neoplasias intraepiteliais cervicais (NIC's) II e III e as neoplasias invasoras, são representados pelos tipos 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 56, 58, 59, 68, 73 e 82, são 70% dos casos de câncer de colo de útero. Nessas situações, o risco não congênito está diretamente relacionado ao comportamento de seu genoma no núcleo da célula hospedeira.

Os HPV'S de baixo risco estão propensos a manter seu DNA íntegro, circular e epissoma, o que diferem dos de alto risco, onde as fitas de DNA circular se abrem, sofrem deleções e se integram ao genoma da célula hospedeira. O potencial oncogênico pode ser encontrado em alguns tipos de neoplasias de colo de útero (carcinoma espinocelular), vulva e vagina, pênis, ânus, laringe, faringe e cavidade oral.

As modificações celulares desenvolvidas por este vírus foram estudadas a partir de 1956, pelos citologistas Koss e Meisels, que as denominaram em displasias leves, moderadas ou acentuadas, atualmente denominadas de NIC I, NIC II e NIC III (QUEIROZ; PESSOA; SOUSA, 2005).

Segundo o Ministério da Saúde do Brasil o rastreamento deve ter início aos 25 anos de idade para as mulheres sexualmente ativas, e existe uma triagem correta a se seguir que se dá com o intervalo de 3 anos entre os exames após dois exames anuais negativos, e no caso de ASCUS (células escamosas atípicas de significado indeterminado), o procedimento deve ser repetido de seis em seis meses. Caso os resultados anormais continuarem ou se agravarem o cliente deve ser encaminhado para o exame de colposcopia para seguir com a busca e tratamento. (INCA, 2016).

A colposcopia é um método onde se identifica mais precisamente as alterações macroscópicas do colo uterino e a partir dele que indicará se será necessário realizar uma biópsia do tecido acometido ou não. A indicação dessa consulta tem grande importância, pois será a partir dele que poderá ter início a solução do problema dessa alteração citológica da mulher, evitando agravamento de uma possível doença. Dos resultados existentes de achados anormais no exame colposcópico, lesão de grau II ou NIC II pode estar relacionada à presença de câncer cervical. (OSORIO-CASTANO, JHON H. *et al*, 2020).

A Política de Atenção à Saúde da Mulher, lançado pelo Ministério da Saúde (MS) em 2014, teve por objetivo fortalecer a prevenção câncer de colo de útero (CCU), com educação em saúde para ressaltar a importância de realizar exames de rastreamento. É nesse momento que a ação preventiva primária e secundária do enfermeiro se torna essencial com intuito de prevenção, promoção, detecção precoce, diagnósticos, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos (BATISTA, 2015).

2.1.2 Assistência de Enfermagem

O enfermeiro da atenção primária por ter mais afinidade com o público, do que o enfermeiro que atua em outras áreas, e estar interessado no bem-estar de sua população adscrita, se adapta melhor a criar estratégias baseadas em ações educativas, de forma integral. Consegue abordar em sua consulta de enfermagem assuntos relacionados à sexualidade da mulher ou da adolescente, na qual ele

esclarece dúvidas, fala sobre HPV, sobre seus sinais, sintomas e riscos. Essas medidas vão influenciar de maneira positiva desde o momento da prevenção até o tratamento, oferecendo práticas favoráveis a saúde da mulher (MISTURA C et al., 2011; AMARAL MS et al., 2017).

Nesse contexto, o enfermeiro da Estratégia Saúde da família (ESF) pode planejar suas estratégias de trabalho com o olhar dirigido para a vigilância e participação social e ofertar melhorias para o paciente, e com isso diminuir o cenário da doença (SANTOS SRS, ÁLVARES ACM, 2018).

Para os autores e instituições citados como: SMELTZER & BARE (2002), (INCA 2002 e 2006), (PARELLA 2006), (FERNANDES *et al.* 2001), (PINHO & FRANÇA Jr. 2003) e o Ministério da Saúde, pensam que a melhor forma de combater a disseminação da transmissão do vírus HPV e consequentemente diminuir casos de câncer de colo de útero é a prevenção por meio de ações educativas de todas as formas, seja ela virtual, por meio de educação em saúde em salas de espera nos ESF's, por meios de propagandas na televisão, anúncios em redes sociais, além do incentivo à realização do exame Papanicolau. Essas medidas trariam resultados positivos para a população feminina.

De acordo com a OMS o termo adolescente é definido como o período de idade de 10 a 19 anos (BRASIL, 2010). O início da adolescência é marcado quando começam a aparecer sinais sexuais secundárias para a maturidade sexual, que ocorre devido à mudança da fase de criança para a fase adulta. Nessa idade é fundamental orientar sobre relações sexuais e suas consequências (NASCIMENTO, 2013).

De acordo com alguns autores, a maioria dos adolescentes em sua primeira relação sexual não utiliza métodos contraceptivos capazes de proteger contra gravidez indesejada ou contra infecções sexualmente transmissíveis. Os autores ainda afirmam que os mesmos têm relações sexuais com múltiplos parceiros sem se conhecerem, o que aumenta o risco para a infecção pelo vírus. (CIRINO, 2010; SANTOS, 2009).

O conhecimento científico sobre esta patologia e suas complicações biopsicossociais deve estar presente na vida do profissional de enfermagem para tentar diminuir a taxa de infecção pelo HPV, além de contribuir para uma melhor educação da sua população adscrita. Com esse conhecimento em mente a abordagem ao paciente se torna mais simples e facilitada (OLIVEIRA, 2014).

Ainda baseado no conhecimento científico, o enfermeiro enquanto agente de comunicação deve estar apto para conscientizar os adolescentes quanto às medidas profiláticas, tal como a vacinação, com o intuito de provocar nessa faixa etária um interesse maior por sua própria saúde, com o objetivo de mudança de hábitos (uso de preservativo, evitar múltiplos parceiros, realização do exame Papanicolau) para diminuir a incidência de HPV na população (SOARES, 2015).

Foi inserida no Sistema Único de Saúde a vacina quadrivalente que permite proteger contra o HPV 6,11, 16, 18, e como consequência evita-se o aparecimento de verrugas genitais e oferece proteção ao canal anal em ambos os sexos. Protege ainda a vulva e a vagina. No ano de 2018, essa vacina foi aplicada em meninas com idade entre 9 e 14 anos 11 meses e 29 dias; e em meninos com idades entre 11 e 14 anos 11 meses e 29 dias de idade, com esquema de vacina de duas doses 0 e 2 meses (BRASIL, 2018).

Para os autores Hudson *et al* (2016) a transmissão de forma clara das informações e o conhecimento dos médicos e enfermeiros quanto ao HPV podem contribuir para aumentar a adesão da população do sexo feminino para a vacinação

e para a realização de exames preventivos periódicos. Os autores definiram que a forma de intervir para redução dos índices de HPV e CCU e aumentar a aceitação da vacinação contra o HPV deve se basear nos fatores individuais e no nível de sistema SUS.

O enfermeiro tem extrema importância na educação para com os pacientes, podendo oferecer informações seguras sobre prevenção e controle do HPV, sobre a importância da vacinação e os riscos de CCU, podendo contribuir para diminuir os riscos de se desenvolver câncer (THOMAS, 2016).

2.2 METODOLOGIA

Para este estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa, que se caracteriza pelo desenvolvimento de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento interpretativo a partir dos dados encontrados (SOARES, 2020). Possui caráter do tipo exploratório, ou seja, subjetivo e espontâneo, que serão percebidos pelos métodos utilizados na pesquisa, como entrevista, análise de textos e experiências vividas. Será complementada por uma seleção de assuntos por revisão bibliográfica nas bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), e pub med, contemplando os artigos científicos e sites de Institutos de pesquisa relacionados ao câncer de colo de útero.

Foram utilizados critérios para selecionar os artigos e sites, sendo escolhidos aqueles que estavam disponíveis na íntegra na língua portuguesa, que estivessem relacionados com estratégias de prevenção e tratamento, além do processo saúde-doença do HPV, entre 2010 e 2021.

A pesquisa foi realizada na cidade de Manhuaçu, município brasileiro localizado na zona da mata do estado de Minas Gerais, com população estimada em 2020 de 91.169 habitantes (IBGE, 2020). Como método será realizado uma entrevista com os profissionais enfermeiros que trabalham nas UBS's da cidade, constituído de perguntas abertas e fechadas.

Durante a entrevista foi utilizado um questionário como forma de coleta de dados elaborados para este estudo. Questionário esse que foi aceito pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNIFACIG, e que foi aplicado ao enfermeiro responsável técnico por cada UBS do município, após ter assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Os enfermeiros que tem experiência menor que 3 meses foram excluídos desta pesquisa por acreditar que estes precisam de um período maior de adaptação na unidade para ter um conhecimento mais amplo sobre sua população feminina adscrita.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram aplicados na UBS com agendamento prévio e em horário conveniente para os participantes. O questionário contém questões tanto com informações quanto a experiência profissional e situações vivenciadas. Junto a ele foram questionadas as características observadas, dificuldades na assistência, estratégias ao abordar as pacientes, estratégias de prevenção, fatores de risco e tratamento.

Os dados obtidos das entrevistas foram digitados e tabulados em planilha eletrônica do Microsoft Excel 2010, elaborada especificamente para este fim. Calculados inicialmente por meio de porcentagem a fim de mais facilidade de entendimento.

Em todas as etapas da pesquisa foram respeitadas as normas estabelecidas nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da resolução 466/12 (BRASIL, 2012).

Como resultados esperados pretendem-se reunir dados consistentes da literatura que defina o papel dos diferentes tipos de HPV na oncogênese do câncer de colo uterino, bem como chegar a uma conclusão sobre a eficácia das estratégias utilizadas pelos profissionais enfermeiros para prevenção, abordagem ao paciente e planejamento de tratamento.

2.3 RESULTADO E DISCUSSÃO

A amostra do estudo foi composta pelos enfermeiros atuantes nas Unidades básicas de saúde (UBS), totalizando 13 enfermeiros em diferentes bairros da cidade de Manhuaçu – Minas Gerais. Desses, 10 estiveram motivados para responder o questionário e 3 se recusaram a participar do estudo. Os motivos encontrados pelos enfermeiros que recusaram a participar deste estudo englobam falta de tempo, falta de conhecimento dos termos apresentados e medo de assinar o termo e passar alguma informação.

Dos entrevistados 90% eram do sexo feminino e tinham entre 32 e 42 anos de idade. Com relação ao tempo de atuação na UBS, 60% dos participantes tem mais de 10 anos, 30% até 8 anos e 10% até um ano.

De acordo com os dados levantados através da entrevista com os enfermeiros foi observado que as idades de mulheres atendidas nas UBS's variam de 14 a 70 anos. Segundo o MS o exame preventivo deve ser realizado em mulheres de 25 a 60 anos ou em mulheres em idade inferior a 25 anos que já iniciaram atividade sexual.

A justificativa de a faixa etária ser de 25 a 60 anos se dá pelo motivo de ser a idade de maior ocorrência das lesões de alto grau, passíveis de serem tratadas efetivamente para não evoluírem para o câncer. De acordo com os dados da OMS, a incidência deste câncer aumenta nas mulheres entre 30 e 39 anos de idade e atinge seu pico na quinta ou sexta décadas de vida. As lesões de baixo grau geralmente prevalecem até os 25 anos de idade, que pode ser regredido a partir dessa idade, assim, esses casos podem ser acompanhados de acordo com a recomendação clínica. Se a mulher que chega à idade de 65 anos tendo feito todos os exames preventivos regularmente, com resultados normais, a chance do desenvolvimento do câncer cervical é diminuída por conta da sua evolução lenta (INCA, 2016; 2021).

Os dados do DATASUS abaixo mostram a quantidade de mulheres residentes no Município de Manhuaçu conforme quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Mulheres residentes em Manhuaçu conforme a faixa etária entre 15 a 19 anos de idade no ano de 2010 a 2021.

Ano	Total
2010	3.563
2011	3.609
2012	3.657
2013	3.704
2014	3.730
2015	3.736
2016	3.766
2017	3.762

2018	3.751
2019	3.738
2020	3.746

Fonte: Estimativas preliminares elaboradas pelo Ministério da Saúde/SVS/DASNT/CGIAE

De acordo com os dados acima, é possível perceber que a população nessa faixa etária de adolescentes possui números significativos. Diante disso, é possível salientar que existe a necessidade de novas abordagens preventivas e educativas para essa idade, administradas pelos enfermeiros, a fim de incentivar práticas adequadas de saúde, observando fatores emocionais, socioeconômicos e biológicos, que levam ao acometimento do HPV.

Os enfermeiros entrevistados realizam o rastreamento citológico com qualidade, cobertura, tratamento e seguiram tratando as mulheres e observaram redução de 80% de casos de câncer de colo de útero.

É competência da enfermagem saber orientar a população feminina sobre a necessidade de realizar o exame Papanicolau periodicamente para se diagnosticar o quanto antes, pois quanto mais rápido a descoberta mais chance de tratamento em sua fase de início, e, com isso, diminui os casos de morbimortalidade por câncer de colo uterino (FRIGATO, 2003).

É por meio do exame Papanicolau que pode ser detectado precocemente a doença, se detectada a paciente deve ser encaminhada para setores específicos, para que seja iniciado o tratamento e evitar possíveis complicações.

O total de 100% dos entrevistados faz busca ativa de pacientes para realizarem o preventivo anualmente através de visita domiciliar. No Brasil, o MS preconiza a realização do teste de Papanicolau em todas as mulheres que já tiveram relação sexual, em especial as mulheres com idade entre 25 e 59 anos, buscando um padrão de cobertura de 80%. A pesquisa mostra que os enfermeiros entrevistados estão realizando a cobertura total.

Os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) são profissionais da unidade básica que residem na mesma área em que trabalham. Isso facilita no momento da abordagem ao paciente por possuírem os mesmos costumes, cultura e linguagem que eles. O ACS é responsável por levar conhecimentos em saúde para sua população, o que resulta em uma afinidade entre equipe de saúde e mulheres nas atividades de prevenção do HPV (SOUZA MF, 2008).

Como salienta Narchi, 2013, as taxas de infecções continuam altas em muitos países em desenvolvimento por conta do grau de implementação de ações educativas e preventivas no conceito técnico, no aspecto educacional, político, social e econômico. Para diminuir taxas de infecção é importante inserir políticas públicas governamentais, ações de trabalhadores da área de saúde e proximidade dos indivíduos com os ACS.

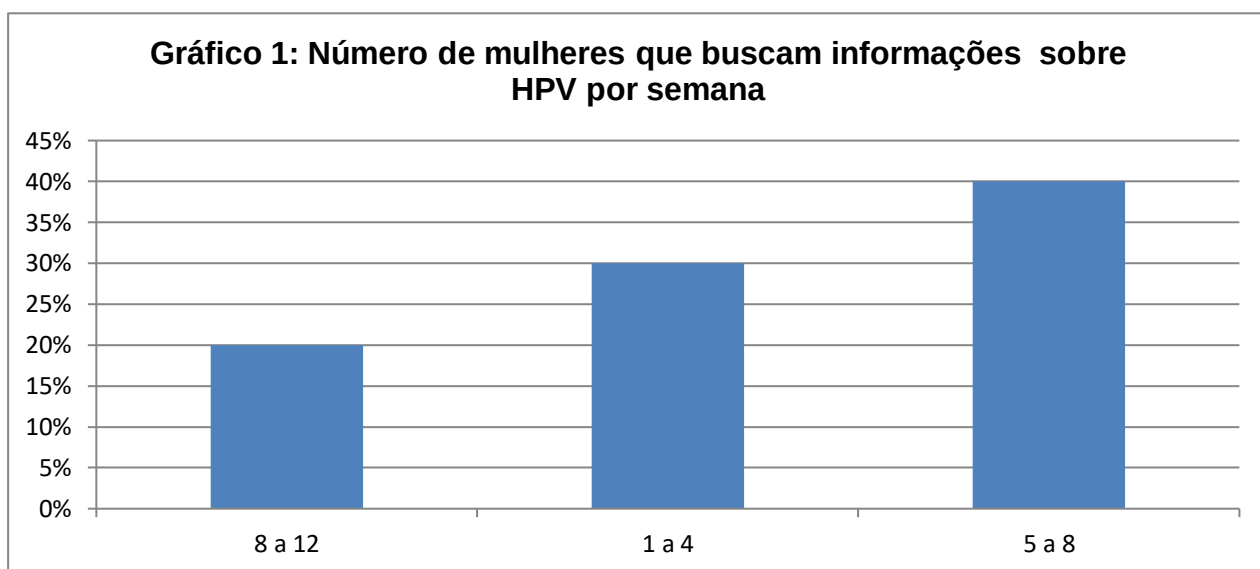
São os ACS que alcançam informações sobre a área adscrita, obtém o levantamento de todos os problemas de saúde e situações de risco familiar. Eles são peças chave para comunidade e contribuem para a promoção e educação em saúde, e para a prevenção da doença. Os principais intuitos da educação em saúde, além de esclarecer dúvidas sobre a doença, são aprimorar as habilidades sobre o autocuidado, incentivar a mudança de comportamento, prestar suporte nos obstáculos advindos da infecção e oferecer assistência humanizada (ALMEIDA, 2013).

Buscou-se conhecer ainda como se organizava a rotina para a coleta do preventivo nas unidades entrevistadas com o objetivo de saber se os enfermeiros

marcavam horários com base em agenda pré-estabelecida pela unidade ou se analisavam a disponibilidade das pacientes para essa consulta. As respostas mostraram que 90% dos profissionais agendam horário com as pacientes de acordo com a rotina da UBS e 10% comentaram que muitas mulheres por trabalharem durante o dia não conseguem realizar o exame nos dias de coleta da unidade, diante disso faz-se contato com essas mulheres e agenda-se o encontro na parte da noite (com direito a café da noite) para consulta de enfermagem e para realizar o exame.

Destaca-se que em decorrência da não implementação de horário estendido nas unidades básicas do município, muitas mulheres, que dependem dos seus empregos, ficam impossibilitadas de comparecer aos postos da saúde, o que pode impactar nos índices. Mulheres, que muitas vezes sustentam seus lares, têm seu direito de acesso à saúde prejudicado.

Diante da pesquisa realizada, foi visto que poucas mulheres buscam a unidade para se informar sobre HPV.



Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados acima se referem à quantidade de mulheres que buscam se informar por semana, sobre o exame do papanicolau e sobre o assunto abordando HPV. Dos entrevistados 20% dos enfermeiros disseram que 8 a 12 mulheres buscam a unidade para se informar sobre tais assuntos, 30% disseram que a média de mulheres por semana eram de 1 a 4, e 40% relataram que cerca de 5 a 8 mulheres comparecem na unidade em busca de informações ou para marcarem o exame. Essas informações confirmam ainda mais a necessidade de divulgações, políticas públicas e educação em saúde sobre a infecção pelo vírus.

Dos dados obtidos na pesquisa, 90% dos entrevistados dizem orientar todas as mulheres a terem relação sexual com o uso do preservativo, visto que a primeira forma de prevenção da infecção se dá pelo uso de preservativos durante a relação sexual.

E 100% deles realizam educação em saúde, tanto em adolescentes com início de vida sexual precoce quanto em mulheres adultas, para realização do exame papanicolau. Devido à pandemia vivenciada desde o ano de 2020, as educações em saúde são realizadas durante as consultas de enfermagem, evitando assim orientações em salas de espera. Todos os entrevistados disseram que sua unidade orienta sobre como deve ser a prevenção do câncer de colo uterino.

A consulta de enfermagem está regulamentada na Lei 7.498/86 do Exercício Profissional de Enfermagem, bem como no Decreto nº 94.406/87, que regulamenta a referida Lei, e na Resolução nº 159/93 do Conselho Federal de Enfermagem, assegurando as ações do Enfermeiro voltadas para a prevenção de HPV e seu agravamento.

Com base no questionário, 100% dos enfermeiros são os responsáveis pela coleta do exame citopatológico. De acordo com o COFEN (Conselho Federal de Enfermagem) art. 1º diz que no âmbito da equipe de Enfermagem, a coleta do material para colpocitopatologia oncológica pelo método de Papanicolaou é privativa do enfermeiro, observadas as disposições legais da profissão. Parágrafo único: O enfermeiro deverá estar dotado dos conhecimentos, competências e habilidades que garantam rigor técnico-científico ao procedimento, atentando para a capacitação contínua necessária à sua realização.

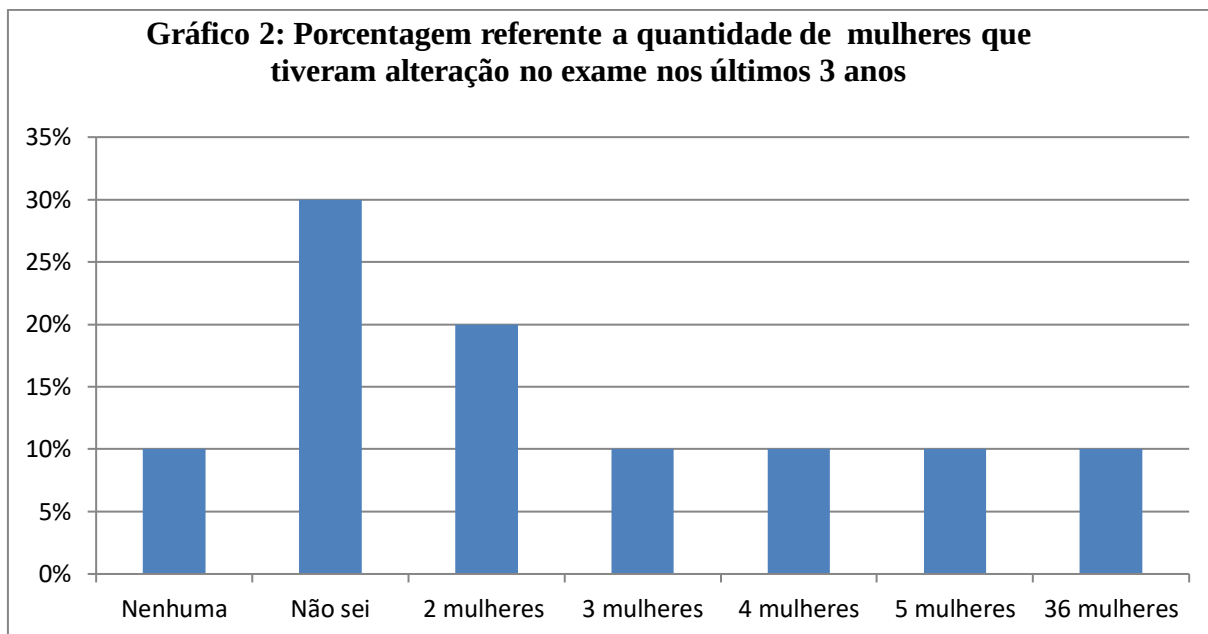
De acordo com o protocolo do Ministério da Saúde é atribuição da unidade básica de saúde prestar cuidado integral e conduzir ações de promoção à saúde, rastreamento e detecção precoce. Além disso, quando existir resultado de exame citopatológico de colo uterino alterado, deve a UBS acompanhar o plano terapêutico das mulheres nos demais níveis de atenção.

Dito isso, através da entrevista foi notado que 100% dos profissionais afirmaram preencher um protocolo para prevenção do câncer de colo de útero e que ela é realizada durante o exame através de uma folha contendo todos os dados da paciente (nome, idade, cidade, data da última menstruação, se existe corrimento, ou alguma queixa, entre outras). Depois do exame colhido, é encaminhado para o laboratório da unidade, se o exame vier com alteração, a paciente é encaminhada para o centro especializado para seguir com o tratamento.

De acordo com MS, é competência do enfermeiro participar do processo da chegada da paciente para realizar o exame, da investigação dos fatores de risco para o câncer de colo uterino e observar os resultados do exame realizado, para assim tomar medidas cabíveis e seguir com um plano de cuidado se houver alterações. Diante desse fato foi abordado se isso realmente acontece na prática e todos os entrevistados narraram que investigam os fatores de risco em todas as mulheres que realizam o exame.

Quanto à vacina do HPV, 100% dos entrevistados disseram que orientam os indivíduos cadastrados na unidade a vacinar crianças de 9 a 14 anos, e essas orientações são por meio de consultas, busca ativa de adolescentes nessa faixa etária e educação em saúde em salas de espera.

Foi questionado aos profissionais quantas mulheres foram identificadas com exames citopatológicos alterados nos últimos 3 anos e se elas apresentavam anormalidades considerando atipias de significado indeterminado em células escamosas, atipias de significado indeterminado em células glandulares ou de origem indefinida, lesão intraepitelial de baixo ou alto grau, e não podendo excluir microinvasão ou carcinoma epidermóide invasor e adenocarcinoma in situ invasor. Os resultados foram mostrados abaixo.



Fonte: Elaborado pela autora

Diante deste gráfico apresentado, podemos perceber que 10% apresentaram que não houve nenhuma paciente com resultado anormal nos últimos 3 anos de trabalho. 30% dos profissionais disseram que não sabiam sobre a quantidade de mulheres com esse tipo de resultado. 20% dos profissionais disseram que houve 02 mulheres com anormalidade intrauterina, enquanto outros 10% disseram que houve 03 casos, outros 10% disseram ter presenciado 4 casos, outros 10% disseram ter tido 5 pacientes e os últimos 10% disseram ter tido 01 caso por mês durante os últimos três anos, ou seja, 36 pacientes no total com resultados contendo alguma anormalidade com necessidade de acompanhamento contínuo.

O entrevistado com a maior quantidade de pacientes relatou que quando a paciente apresenta esse tipo de anormalidade ela é encaminhada automaticamente para o Centro Estadual de Atenção Especializada (CEAE), que é localizado no bairro Bom Pastor na cidade de Manhuaçu, MG. A partir daí, a paciente é acompanhada de 06 em 06 meses para investigação dessa anormalidade e havendo dois anos de resultados normais essa paciente ganha alta do sistema, caso contrário permanece em acompanhamento e tratamento nessa unidade.

A diferença no número de casos encontrados varia de um bairro para o outro, o que difere os dados é a prevalência de adolescentes em maiores quantidades entre as localidades e condições socioeconômicas.

Seguindo a pesquisa, foi questionado sobre a quantidade de mulheres que houve perda de seguimento, ou seja, que não foram acompanhadas de acordo com o protocolo de prevenção e rastreamento. Dentre os resultados 05 enfermeiros disseram que não houve mulher com essa perda, outros dois disseram que houve 02 mulheres com caso de perda de seguimento e 03 não souberam responder.

Com isso foi perguntado se havia alguma mulher na unidade no momento sendo acompanhada por alguma anormalidade intrauterina, onde 04 disseram que sim (01 disse que havia dois casos na unidade em tratamento), e o restante da amostra disse que não possui nenhum caso em acompanhamento no momento.

Conforme o quadro abaixo contendo dados do DATASUS, foram encontrados 24 casos de exames alterados por alguma anormalidade intrauterina na cidade de

Manhuaçu. Isso significa que existem profissionais enfermeiros que estão deixando de realizar a notificação obrigatória desses casos.

Quadro 2: Número de casos relacionado aos tipos de lesões encontrados em cada mês na cidade de Manhuaçu- MG.

Mês/Ano	Lesão de baixo grau(HPV e NIC I)	Lesão de alto grau(NIC II e NIC III)	Lesão alto grau, não podendo excluir micro invasão	Total
JANEIRO/2019	2	0	0	2
FEVEREIRO/2019	2	0	1	3
MARÇO/2019	1	0	0	1
ABRIL/2019	1	0	0	1
MAIO/2019	0	1	0	1
AGOSTO/2019	0	0	1	1
JULHO/2021	2	1	0	3
TOTAL	8	2	2	12

Fonte: SISCAN

De acordo com a Guia de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde, a notificação nada mais é que a comunicação da ocorrência de alguma doença ou agravo a saúde, na qual é enviada por qualquer cidadão, com o objetivo de gerar dados para criar intervenções diante dos casos coletados.

É de extrema necessidade entender a importância das notificações para auxiliar na hora de controlar, reduzir, prevenir e até mesmo erradicar doenças e agravos, além de mostrar eventos que são transmissíveis e podem apresentar letalidade.

3. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo descrever a assistência de enfermagem quanto à prevenção do HPV, e as estratégias utilizadas no momento da abordagem ao paciente. Podemos perceber que a assistência de enfermagem é um processo eficiente no combate ao papiloma vírus humano, de acordo com aquilo que lhe é oferecido pelo sistema único de saúde. Deve ser ressaltado que quanto mais o enfermeiro busca conhecimento científico sobre esta patologia, diminuem-se os danos e minimizam os agravos relacionados à falta de conhecimento referente ao HPV.

Sobre abordagem ao paciente quando se trata do HPV, podemos dizer que ainda temos obstáculos para ser ultrapassado para uma melhor aceitação da mulher ao exame do preventivo, o que sugere que o profissional esteja atento aos relatos de experiência de quem já passou pelo procedimento, procurando identificar os fatores que afastam as mulheres do exame.

Com base nos dados apresentados e na gravidade da doença e suas complicações como o câncer de colo do útero a saúde da mulher, tem a necessidade de maior atenção estatal para divulgação de campanhas publicitárias para alertar a população, e em especial os adolescentes, sobre a importância da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como o HPV e proporcionar

maior adesão à vacinação. Pode ser pensado priorizar a divulgação em redes sociais para atingir o público alvo.

Nota-se, contudo, que tal situação não ocorre. Pode ser proposto para um trabalho futuro temas contendo planos que, o enfermeiro junto com sua equipe multidisciplinar possa ter um foco para essa realidade pensando que exista a possibilidade de as ações políticas de prevenção terem um déficit, existindo assim um aumento da morbimortalidade advindos por tal afecção.

No aspecto curativo seria interessante que a equipe se especialize na arte da comunicação, e juntamente com o profissional médico busque ganhar a confiança do paciente para realizar o tratamento seguindo os protocolos. Visto isso, é necessário que haja uma capacitação dos profissionais que atuam nessa área em busca de uma reorientação para o tema do câncer e mudanças das práticas de planejamento.

Observa-se uma demanda por horários estendidos para atendimento das mulheres trabalhadoras que pode ser suprida pelo município com a adoção de horário de funcionamento mais flexível e adequado a essa realidade, contratando mais profissionais se for o caso.

Os desafios para o profissional de enfermagem vão desde a não capacitação continuada, falta de incentivo ao aprimoramento profissional, a baixa remuneração até a não valorização da carreira e mesmo com todos esses obstáculos, o enfermeiro exerce papel fundamental e insubstituível no processo de prevenção, promoção e cuidado dos pacientes que procuram atendimento nos ESF's, salvando vidas que poderiam ser perdidas em decorrência de complicações por falta de cuidados nos momentos iniciais das doenças sexualmente transmissíveis.

4. REFERÊNCIAS

ABREU, M. Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. n. 3, v. 23, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232018000300849&script=sci_abstract> Acesso em: 04 de Maio de 2021.

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE PESQUISA SOBRE CâNCER (IARC). **Grupo de Trabalho sobre a Avaliação de Riscos Carcinogênicos para Humanos. Vírus do papiloma humano**. Lyon: OMS; IARC, 2007. 636p. (Monografias da IARC sobre a avaliação de riscos cancerígenos para humanos, v. 90). Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/atuacao-internacional/agencia-internacional-pesquisa-em-cancer-iarc>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

AMARAL, M; *et al.* **Prevenção do câncer de colo de útero: a atuação do profissional enfermeiro nas unidades básicas de saúde**. Revista Científica FacMais, 197-223, 2017. Disponível em: <<https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2017/04/8PREVEN%C3%87%C3%83O-DOC%C3%82NCER-DE-COLO-DE-%C3%9ATERO-AATUA%C3%87%C3%83O-DO-PROFISSIONAL-ENFERMEIRO-NAS-UNIDADESDESB%C3%81SICAS-DE-SA%C3%9ADE.pdf>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

BATISTA, L. **Papel da enfermagem na prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer de colo uterino: uma revisão integrativa**. Universidade de Brasília- Faculdade de Ceilândia, Distrito Federal, 2015. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/10886>> Acesso em: 04 de Maio de 2021.

BARRETO, A; SANTOS, R. **A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem.** Escola Anna Nery. Rev. Enfermagem, v. 13, n. 4, p. 809-16, 2009.

Disponível

em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452009000400017> Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

BESERRA, E; *et al.* **Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes.** Escola Anna Nery, v. 12, n. 3, pp. 522-528, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000300019> Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Atenção em Saúde Mental nos Serviços Especializados em DST/AIDS.** Brasília – DF, 2012. Disponível

em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2012/atencao-em-saude-mental-nos-servicos-especializados-em-dstaid-2012>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. 2. ed. **Rev. Atual.** Rio de Janeiro: INCA, 2016. Disponível

em: <http://www.citologiaclinica.org.br/site/pdf/documentos/diretrizes-para-o-rastreamento-do-cancer-do-colo-do-utero_2016.pdf> Acesso em: 22 de Setembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva.** Brasília, DF, Ministério da Saúde, 300 p., 2010. Caderno de Atenção Básica, n. 26. Disponível em:

<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf> Acesso em: 08 de Setembro de 2021.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de vigilância das doenças transmissíveis. **Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada).** BRASÍLIA: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <<http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/PDF/2015/junho/26/Informe-Tecnico-Vacina-HPV-2015-FINAL.PDF>>

Acesso em: 08 de Setembro de 2021.

BRÊTAS, J; *et al.* **Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção.** Acta paulista de enfermagem, v.22, n.6, p.786-92, 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/apel/a/MZH5my9byjHYDgJ6WKB3C6G/?lang=pt>> Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

BRENNAN, S; RODRIGUES, C. **Diagnóstico e tratamento do câncer do colo do útero.** Diagnóstico & Tratamento, 8(1):35-40, 2002. Disponível

em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2011.v16n5/2443-2451/>> Acesso em: 07 de Junho de 2021.

CESTARI, W; *et al.* Necessidades de cuidados de mulheres infectadas pelo papiloma vírus humano: uma abordagem compreensiva. **Revista escolar de enfermagem. USP,** São Paulo, v. 46, n. 5, p. 1082-1087, Oct. 2012. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/Y5SDBXKHt4FygjbgJybnnkR/abstract/?lang=es>> Acesso em: 03 de Maio de 2021.

CIRINO, F; *et al.* **Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e hpv em adolescentes.** Escola Anna Nery, v. 14, n. 1, pp. 126-134. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452010000100019&script=sci_abstract> Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

COSTA, W; *et al.* Os desafios do Enfermeiro perante a prevenção do câncer de colo do útero. **Revista de gestão e saúde**, 55-62, 2017. Disponível em: <<https://www.herrero.com.br/files/revista/filef125a619c4b18a99efe6fdf22874fdd6.pdf>> Acesso em: 17 de Julho de 2021.

FERREIRA, L. **Avaliação da qualidade da consulta de enfermagem em infecções sexualmente transmissíveis.** 2018. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1119>> Acesso em: 17 de Julho de 2021.

FRIGATO, S; HOGA, L. Assistência à mulher com câncer de colo uterino: o papel da enfermagem. **Rev. bras. cancerol**; 49(4): 209-214 out.-dez. 2003. Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/revista/index.php/revista/article/view/2073>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

HUDSON, R; GLENN, C. **Humanpapilloma vírus vaccine series completion: Qualitative information from providers within an integrated healthcare organization** *Vaccine*. 24;34(30):3515-21 Jun, 2016. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26947497/>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). **Deteção precoce do câncer.** Rio de Janeiro: INCA, 2021. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/deteccao-precoce-do-cancer.pdf>> Acesso em: 22 de Setembro de 2021.

MELO, M; *et al.* O Enfermeiro na Prevenção do Câncer do Colo do Útero: o Cotidiano da Atenção Primária. **Rev. Brasileira Cancerol.** 2012; 58(3): 389-98. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/site/arquivos/n_58/v03/pdf/08_artigo_enfermeiro_prevencao_cancer_colo_uterio_cotidiano_atencao_primaria.pdf> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

MISTURA, S; *et al.* Papel do enfermeiro na prevenção do câncer de colo uterino na estratégia saúde da família. **Revista Contexto & Saúde**; pg. 1161-1164, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1763/1467>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. **Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis.** Brasília (DF); 2006. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controle_doencas_sexualmente_transmissiveis.pdf> Acesso em: 08 de Setembro de 2021.

NARCHI, N; *et al.* **Prevenção e controle do câncer cérvico-uterino.** Rev. Enfermagem e saúde da mulher. 2nd ed. São Paulo: Manole; 154-82 2013. Disponível em: <<https://revistacientifica.facmais.com.br/wpcontent/uploads/2017/04/8-PREVEN%C3%87%C3%83O-DO-C%C3%82NCER-DE-COLO-DE-%C3%94TERO-A-ATUA%C3%87%C3%83O-DO-PROFISSIONALENFERMEIRO-NAS-UNIDADES-B%C3%81SICAS-DE-SA%C3%94DE.pdf>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

NASCIMENTO, M; *et al.* **O que sabem os adolescentes do ensino básico públicos sobre HPV.** Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, v. 34, n. 2, p. 229-238, 2013. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/ca97/49c9e3063a851617960953afdaf5b1482ee6.pdf>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

OLIVEIRA, E. **O processo de comunicação em enfermagem no HPV e no câncer de colo de útero: uma revisão de literatura.** 2014. 48 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/3309>> Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Controle do câncer. Conheça a ação da borda. Detecção precoce (módulo 3). Guia da OMS para programas eficazes.** Suíça: OMS, 2007. Acesso em: 12 de Outubro de 2021.

OSORIO, C; *et al.* **Características citológicas prévias diagnóstico de câncer de cérvix.** (Colombia). Univ. Salud, v. 22, n. 3, p. 231-237, Sept. 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1139844>> Acesso em 12 de Agosto de 2021.

QUEIROZ, D; *et al.* Infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV): incertezas e desafios. **Rev. Acta paul. enferm**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 190-196, Junho 2005. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-430863>> Acesso em: 08 de Setembro de 2021.

ROUQUAYROL, M; *et al.* Aspectos epidemiológicos das doenças transmissíveis. In: Rouquayrol MZ, Almeida Filho NA. **Rev. Epidemiologia & Saúde.** 6ª ed. Fortaleza (CE): Medsi; 2003. Disponível em: <<http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v13n4/v13n4a04.pdf>> Acesso em: 13 de Junho de 2021.

SANTOS, S; ÁLVARES, A. **Assistência do enfermeiro na prevenção do HPV.** Revista de Iniciação Científica e Extensão, v. 1, n. 1, p. 28-31, 2018. Disponível em: <<https://revistasfases.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/44>> Acesso em: 08 de Setembro de 2021.

SILVA, P; *et al.* **Comportamento de risco para as doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes escolares de baixa renda.** 7 (2): 185-89. **Rev Eletrônica de Enferm** 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/884>> Acesso em: 08 de Setembro de 2021.

SOARES, M. **O conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem acerca das medidas preventivas do HPV junto à população feminina.** 2015. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/973>> Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

SOUZA, A; COSTA, D. **Conhecimento de mulheres sobre HPV e câncer do colo do útero após consulta de enfermagem.** Revista Brasileira de Cancerologia; pg. 343-350, 2015. Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/revista/index.php/verista/article/view/220>> Acesso em: 08 de Setembro de 2021.

SOUZA M. **Agentes Comunitários de Saúde (ACS): uma estratégia revolucionária em risco.** Rev. Saúde Coletiva; 04(19): 6 2008. Disponível em: <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/7897/1/%C3%89rica%20Magalh%C3%A3es%20dos%20Santos.pdf>> Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

THOMAS, T. **Prevenção do câncer: vacinação contra HPV**.Rev. SeminOncolNurs. Agosto pág. 273-80, 2016.Disponível em:<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27539281/>> Acesso em: 22 de Setembro de 2021.